

## MODELOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM EM PSICANÁLISE

José Francisco da Gama e Silva

Este texto desenvolve-se seguindo dois movimentos. O primeiro tem como tema a formação do psicanalista na relação inter e intrasubjetiva; o segundo pretende refletir sobre a dinâmica dos seminários clínicos enfatizando a sua importância como fator transformacional no desenvolvimento do psicanalista. Seguindo os ensinamentos do lingüista americano Noam Chomsky<sup>1</sup>, a aprendizagem é definida como o desenvolvimento de estruturas cognitivas inatas “segundo uma direção orientada internamente, sob o efeito parcialmente acionador e moldador do meio ambiente”. O conhecimento resulta, então, das interações entre sujeito e objeto, entre sujeito e meio ambiente facilitador do movimento transformacional do sujeito. O ambiente facilitador oferece as condições emocionais, os recursos técnicos, os meios que propiciam a dinamização, o amadurecimento gradativo e a criação de novas estruturas, bem como a integração dos dados apreendidos. Esses dados, por sua vez, em um processo de associação e assimilação, são integrados à estrutura inata promovendo a constituição de novas estruturas sob a forma elementar de um esquema.

Conhecimento, no contexto acima aludido, implica uma relação entre dois sujeitos da experiência, através da qual as formas iniciais da cognição são enformadas e informadas, transformadas, criadas. É um ato comunicativo que implica entendimento, cognição e aspectos afetivos. Conhecer vem do latim *cognoscere* que, por sua vez deriva do grego *konnein*, que significa conhecer. Rocha Barros esclarece que *konneo* contém um significado composto de *koinós* (*kon*) que significa comum e na forma adverbial (*koinê*) em comum, e de *noien* que significa entender. “Conhecer significa entender com alguém, em comum”<sup>2</sup>. Na perspectiva proposta por Rocha Barros, uma pedagogia inspirada na psicanálise teria um caráter “menos voltado para a informação e mais para o significado da

---

<sup>1</sup> CHOMSKY, Noam. *Regras e representações*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

<sup>2</sup> ROCHA BARROS, Elias. (2001) Repensando a educação psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.35 (2): 253-264.

*experiência no processo de sua aquisição*". Para Johannes Hessen<sup>3</sup>, o problema central do conhecimento reside na relação entre sujeito e objeto; vista pelo lado do sujeito, representa uma saída do sujeito para fora da sua própria esfera pessoal, uma entrada na esfera do objeto e uma recolha, integração e assimilação de suas propriedades, numa atitude reflexiva e crítica. O objeto, dir-se-ia, é introjetado, incorporado, e se constitui na mente do sujeito como imagem.

Nesse processo se estabelece um vínculo de conhecimento que serve de base afetiva/ cognitiva para novos investimentos e para a criação e desenvolvimento de novas estruturas, em um grau de complexidade crescente, até atingir o patamar mais elevado da abstração. Tendo esse modelo em mente, penso que um dos objetivos de um instituto de psicanálise é fornecer os elementos que servirão de meios para o processo de desenvolvimento emocional/cognitivo: os seminários teóricos, os seminários clínicos, a supervisão e as discussões clínicas programadas pela clínica do instituto. É evidente que, pela própria natureza da aprendizagem que nos propomos, a análise pessoal é o fator basilar para dar contensão, compreensão e significação a esse processo transformacional .

A aprendizagem da psicanálise – a formação, o desenvolvimento de um psicanalista – é um processo interminável que ocorre no nível intra e intersubjetivo e que encontra, no instituto de formação, um espaço potencial que contém , organiza e facilita a emergência da criatividade de cada um de seus membros. Nesse contexto, o seminário teórico é o lugar onde a experiência vivida é pensada e organizada conceitualmente, sendo a orientação da atenção predominantemente cognitiva, mas sem deixar de lado o aspecto emocional envolvido. Via de regra, parte-se de um texto teórico e aguarda-se o surgimento de alguma vinheta clínica que exemplifique, em ressonância emocional, a teoria em questão.

## **Aprender com a experiência**

No curta metragem sobre a sua vida artística, Isaac Pearlman dava aulas a um grupo de jovens violinistas sobre a arte da execução, sua técnica e expressão sonora e emocional. Ele mostrava a melhor maneira de empunhar o arco, de pressioná-lo e movimentá-lo sobre as cordas. O som, a partir dessa pequenas

---

<sup>3</sup> HESSEN, Johannes. *Teoria do Conhecimento*. Lisboa: Armênio Amado, 1980.

intervenções, mudava e a expressividade musical se intensificava. O ambiente na sala de concerto era descontraído e todos pareciam movidos por um intenso amor à arte musical. A aprendizagem, naquele contexto, era uma experiência compartilhada, uma busca coletiva de desenvolvimento artístico e de técnicas que intensificassem a comunicação musical, tornando-a mais efetiva, mais impactante à sensibilidade do receptor. Pearlman era suave e incisivo com os alunos; dele emanava segurança, calma, humor e erudição musical. Ele acompanhava os jovens executantes na busca do colorido emocional indicado na pauta, os análogos tonais do sentimento, ao mesmo tempo em que os instruía sobre a técnica de execução do violino. A aula transcorria em dois planos simétricos: no registro da emoção e no plano da técnica. Como suponho que deva ser a formação de um psicanalista: trabalhar a emoção, significar os sentimentos e transmutá-los em comunicação simbólica.

A formação de um psicanalista, a sua educação, é um processo de subjetivação que abarca, como acentua Renato Mezan (citado por Rocha Barros), *“a dimensão pedagógica, o aspecto estratégico e normativo, a questão da herança e, sobretudo, a natureza profundamente conflitiva do vir-a-ser analista”*. Esse processo transformacional implica conflito e dor mental em virtude da constante ruptura do *status quo* do analista / aluno, ou seja, do seu sistema de defesa e do seu horizonte de expectativa. O elemento transformador amplia a sensibilidade, leva a uma educação sentimental – é a fusão da experiência com o seu significado emocional que se torna pensável.

No processo do conhecimento está implicado uma relação sujeito/objeto (analista / paciente, professor / aluno) marcado por forte experiência emocional na qual o sujeito é constantemente descentrado da crença no conhecimento que detém de si mesmo, do outro e da teoria que o informa. Neste percurso, os sentimentos têm que ser processados como pensamento para que a sensibilidade se amplie. Para Rocha Barros, *“uma análise bem sucedida, bem como um processo educacional bem sucedido, instauram o que poderíamos chamar, metaforicamente, de função recursiva do psiquismo ou a capacidade de compreendermos o significado de novas experiências ao vivê-las, poupando-nos, desta forma, de uma desorganização de nossos sistemas de representação”* Nesse contexto, o professor do instituto de psicanálise exerce, além de informar, uma função de contenção que

consiste em receber e transformar as ansiedades do analista, ou do grupo em formação, em conteúdos passíveis de serem pensados. O influxo emocional se transforma e se significa. A aprendizagem ocorre a partir da experiência. Trata-se de um aprender em vibração emotiva em direção a uma apreensão estética da experiência. Daí a importância dos seminários clínicos ocorrerem simultaneamente ao estudo teórico.

O aspecto normativo da formação diz respeito ao conjunto de regras que orienta o aluno em seu percurso, por exemplo, os trabalhos a serem apresentados por ele e discutidos nos respectivos seminários, objetivando o seu desenvolvimento teórico-clínico. É importante enfatizar que as normas devem ser constantemente avaliadas e que tenham fundamentação em um pensamento pedagógico e psicanalítico claro e bem formulado. A eficiência das normas são aferidas juntos aos alunos que, nessa perspectiva, tornam-se sujeitos de seu processo de aprendizagem.

A questão da herança consignada por Mezan talvez se refira à análise pessoal do analista em formação e aos modos como ele interage dialeticamente com os pensamentos teórico-clínicos diferentes dos seus. Nesse contexto, o respeito às diferenças é fundamental, pois o que importa, em primeira instância, é o processo de desenvolvimento constante do aluno, ou do analista. A herança psicanalítica é aquilo que permanece como invariância no processo transformacional.

A professora Eliana Yunes<sup>4</sup> escreve que *educar* deriva de *ex-ducere*, que significa “*conduzir para fora, trazer à tona, à expressão, o que vive dentro do homem*”. Educação consiste em “*acompanhamento, companhia, diálogo, troca de olhares e de experiências, manifestação da relação homem x mundo que a percepção colhe, ensaio de especulação, construção de conhecimento*”. É nesse contexto teórico e emocional que presumo a ocorrência do seminário clínico (oficina clínica), conforme veremos a seguir.

## **O seminário clínico (oficina clínica)**

---

<sup>4</sup> YUNES, Eliana. Função do leitor: construção da singularidade. In: *Pensar a leitura: complexidade*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

Há várias técnicas de se coordenar um seminário clínico; a que será discutida nesse ensaio consiste em focalizar a atenção na corrente emocional que se adensa no grupo a partir do relato de um caso ou de uma sessão clínica. Um texto clínico não é um registro documental de algo que existe ou existiu, mas sim a reformulação / recriação de uma experiência vivida no *setting* psicanalítico. O relato, segundo esse vértice, deve ser encarado apenas *como se fosse* algo semelhante ao referente ali designado. No momento da exposição da sessão clínica, o texto do analista adquire voz viva, ou seja, apresenta som, ritmo, textura e timbre que indicam possíveis sentidos que podem sugerir significações que, por sua vez, se desdobram em novos sentidos e para uma nova rede de significantes. Dessa forma, o texto clínico passa por um processo constante de transformação que ocorre, poder-se-ia dizer, numa terceira dimensão constituída pela interação dialética entre o texto / analista e os participantes do seminário: essa terceira dimensão seria o que Winnicott designou de espaço potencial.

Da mesma maneira que um texto literário, um relato clínico psicanalítico vivo, dotado de forma viva como um escrito clínico de Freud, é pontuado por lacunas e hiatos; podemos, então, pensar, que a estrutura básica do texto consiste em segmentos determinados interligados por conexões indeterminadas. O padrão textual assim constituído revela um *jogo*, ou seja, uma interação entre o que está expresso e o que não está. O não expresso impulsiona a atividade de constituição do sentido sob o controle do expresso. Expresso esse, como assinala Iser<sup>5</sup>, que também se desenvolve quando o leitor / ouvinte produz o sentido indicado. Há, portanto, um padrão fundamental de interação a ser discernido no próprio texto, e é desse padrão que deriva o correlato que permite ao leitor identificá-lo como o sentido do texto.

O texto /narrativa / voz do terapeuta é a sua maneira particular de organizar a experiência emocional por intermédio do sistema simbólico de sua personalidade. Pode-se dizer, em decorrência, que os vários níveis de percepção consciente /inconsciente do analista estão incrustados no relato, na sua estrutura dinâmica, e são esses mesmos níveis psíquicos que são ativados nos participantes do seminário

---

<sup>5</sup> ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário. In: *teoria da ficção: indagação à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

por meio da identificação parcial do grupo (e de cada um dos participantes de per se) com o analista e com o paciente também.

A construção de um texto / relato / voz, como nos mostrou Paul Valéry, é efetuado sobre um plano cuja simetria profunda está, de algum modo, presente na estrutura íntima do nosso espírito. Essa estrutura que enfeixa, contém e expressa o caos interior ordenado, ao atingir o ouvinte, o grupo, ressoa e evoca conflitos e tensões congruentes com os conflitos do narrador que geraram o movimento organizacional deste. Aí reside a base da relação empática entre ouvinte e o texto narrado, entre o grupo / receptor e o analista / narrador, facilitando a apreensão, por parte do leitor, de estados emocionais sutis que estão, muitas vezes, além da possibilidade semântica da palavra. Transitar nessa área requer que se desenvolva a *capacidade negativa* de se ler nas entrelinhas, tendo, o não-formulado, primazia sobre o formulado, exigindo do sujeito tolerância nos momentos de não-compreensão ou não-saber. O que importa é o que podemos fazer com os elementos manifestos visando desvelar sentidos latentes, criar e desenvolver histórias. Nesse contexto, o empenho pedagógico e a aprendizagem são vistos mais como atos de recriação ou criação do que de recepção. Neste sentido, o leitor / receptor processa o texto ativamente. Como diz Umberto Eco<sup>6</sup>, *“todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte do seu trabalho para que a multiplicidade potencial de associação possa ser revelado”*.

Em resumo, neste modelo que estou sinteticamente apresentando, a atenção recai não apenas na busca de compreensão do conteúdo latente da comunicação, mas principalmente na recepção do relato, nos modos do grupo ler e reagir a ele na busca de possíveis sentidos. O que importa, acima de tudo, é como o texto é recebido, o efeito emocional gerado e os movimentos do grupo de trabalho em busca de coesão e de sentido. A função do professor consiste em acolher e enfeixar, compreender e significar os vários campos de força emocional criados no grupo. O coordenador / professor, dir-se-ia, é um agente receptor e transformador da experiência emocional gerada no e pelo grupo no momento da recepção do texto / voz do narrador. A função de contenção / transformação é vivida pelo grupo, exercitada por ele, assimilada e integrada por cada um de seus membros, como uma função de suas personalidades. Trata-se – e isto é de fundamental importância – de

---

<sup>6</sup> ECO, Eco. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

um conhecimento vivido, sentido, medular. Trata-se de um aprender com a <sup>7</sup>  
experiência, com a emoção encarnada e pensada em vibração emotiva.

\*